

## Oliveira Silveira

### Textos selecionados

#### Outra Nega Fulô

O sinhô foi açoitar  
a outra nega Fulô  
– ou será que era a mesma?  
A nega tirou a saia,  
a blusa e se pelou.  
O sinhô ficou tarado,  
largou o relho e se engraçou.  
A nega em vez de deitar  
pegou um pau e sampou  
nas guampas do sinhô.  
– Essa nega Fulô!  
Esta nossa Fulô!,  
dizia intimamente satisfeito  
o velho pai João  
pra escândalo do bom Jorge de Lima,  
seminegro e cristão.  
E a mãe-preta chegou bem cretina  
fingindo uma dor no coração.  
– Fulô! Fulô! Ó Fulô!  
A sinhá burra e besta perguntou  
onde é que tava o sinhô  
que o diabo lhe mandou.  
– Ah, foi você que matou!  
– É sim, fui eu que matou –  
disse bem longe a Fulô  
pro seu nego, que levou  
ela pro mato, e com ele  
aí sim ela deitou.  
Essa nega Fulô!  
Esta nossa Fulô!

(*Cadernos Negros 11*, p. 56-57).

#### Treze de Maio

Treze de maio traição,  
liberdade sem asas  
e fome sem pão

Liberdade de asas quebradas  
como  
..... este verso.

Liberdade asa sem corpo:

sufoca no ar,  
se afoga no mar.

Treze de maio – já dia 14

o Y da encruzilhada:

seguir

banzar

voltar?

Treze de maio – já dia 14

a resposta gritante:

pedir

servir

calar.

Os brancos não fizeram mais

que meia obrigação

O que fomos de adubo

o que fomos de sola

o que fomos de burros cargueiros

o que fomos de resto

o que fomos de pasto

senzala porão e chiqueiro

nem com pergaminho

nem pena de ninho

nem cofre de couro

nem com lei de ouro.

O que fomos de seiva

de base

de Atlas

o que fomos de vida

e luz

chama negra em treva branca

quem sabe só com isto:

que o que temos nós lutamos

para sobreviver

e também somos esta pátria

em nós ela está plantada

nela crispamos raízes

de enxerto mas sentimos

e mutuamente arraigamos

quem sabe só com isto:

que ela é nossa também, sem favor,

e sem pedir respiramos seu ar

a largos narizes livres

bebemos à vontade de suas fontes

a grossas beijadas fartas

tapamos-destapamos horizontes

....com a persiana graúda das pálpebras

escutamos seu baita coração

com nosso ouvido musical

e com nossa mão gigante  
batucamos no seu mapa  
quem sabe nem com isso  
e então vamos rasgar  
a máscara do treze  
para arrancar a dívida real  
com nossas próprias mãos.

(obra reunida, p. 249).

### **Encontrei minhas origens**

Encontrei minhas origens  
em velhos arquivos  
..... livros  
encontrei  
em malditos objetos  
troncos e grilhetas  
encontrei minhas origens  
no leste  
no mar em imundos tumbeiros  
encontrei  
em doces palavras  
..... cantos  
em furiosos tambores  
..... ritos  
encontrei minhas origens  
na cor de minha pele  
nos lanhos de minha alma  
em mim  
em minha gente escura  
em meus heróis altivos  
encontrei  
encontrei-as enfim  
me encontrei  
(p. 136.)

### **Tantã**

Tantã  
sinto teu som  
me entrando nos ouvidos  
me rachando a montanha  
do peito  
tantã  
ecoando nas entranhas

tantã  
voz vulcânica de chão  
lavas de lágrimas e emoção  
tantã  
lavas fundas de origem  
tantã  
voz do ser.

(obra reunida, p. 133).

### **Terra de Negros**

Terra de engenhos  
negro moendo  
cana escorregando  
suor amargando  
terra de minas  
negro cavando  
ouro sorrindo  
(ouro dos outros)  
terra café  
cacau e milho  
negro plantando  
negro colhendo  
esperanças renascendo  
terra de estância  
charqueada grande  
negro se salgando  
terra quilombo  
choça e mocambo  
negro lutando  
e resistindo  
se libertando  
terra xangô  
tambor de mina  
e candomblé  
linha de umbanda  
batuque e samba  
macumba e negro  
reza-dançando  
terra congada  
maracatu  
reisado e negro  
representando  
terra comida  
pratos baianos  
quindim quitutes  
negro fazendo  
terra capoeira  
rabo-de-arraia

negro golpeando  
terra favela  
morro e miséria  
e o negro nela  
    (breque) até quando?  
    (obra reunida, p.152).

### **Poema Sobre Palmares**

Nos pés tenho ainda correntes,  
nas mãos ainda levo algemas  
e no pescoço gargalheira,  
na alma um pouco de banzo  
mas antes que ele me tome,  
quebro tudo, me sumo na noite  
da cor de minha pele,  
me embrenho no mato  
dos pelos do corpo,  
nado no rio longo  
do sangue,  
vão nas asas negras  
da alma,  
regrido na floresta  
dos séculos,  
encontro meus irmãos,  
é Palmar,  
estou salvo!

Uma lança caneta-tinteiro  
escreveu liberdade no céu,  
riachos e palmeiras,  
matos e montanhas,  
e se espalhou no ar uma aura boa,  
sono de leves pálpebras,  
sonho de grandes asas, fofas plumas.  
Palmar!  
e um brado irrompeu, honra e brio,  
nosso brado maior, nobre e digno,  
irrompeu  
do mais fundo subterrâneo,  
violência de lavas escuras  
transbordando libertas!

Zumbi – nome gravado  
A lança  
nos contrafortes da serra,  
a sangue

nos contrafortes da história  
a fibra  
na alma forte dos negros!

Palmar!  
palmeiras de sentinela  
guarnecendo a memória dos teus  
bravos!

Palmar!  
arranquem todas as palmeiras  
e mais se encravará  
a raiz da memória,  
quebrem os contrafortes  
e não se abalará  
tua glória,  
queimem a história toda  
e verão que és eterno!  
[...]

(obra reunida, p.109).

### Parte da crônica

Contem, costas D'África,  
a história do que eram

nas florestas e savanas

pássaros num céu  
azul sem obstáculos...

- É a história dos que tinham  
o direito de ter  
seu ninho, seu bando e horizontes  
para suas asas de ébano.

Conta, Oceano Atlântico,  
a história dos traídos  
a história dos que partiram  
em navios de jamais...

- Arrepios de frio?  
vestes de chibata.  
Sede e muita fome?  
quando chegar come.  
E grilhões nos pés  
para não andar

para não nadar  
para não voltar.  
E algema nas mãos  
para não erguer  
para não dizer  
adeus.

Conta Oceano Atlântico,  
a história dos roubados  
a história dos que foram  
em barcos de não mais...

- Negro no porão  
branco no convés.  
Branco no porão  
de chicote na mão.  
E negro no convés

(a morte  
a doença

a peste)

para descer ao âmago das águas  
do mar que lava e acolhe  
qual uma placenta.

Conta, Oceano Atlântico,  
a história dos que sem-onde  
num sem-fim balanço  
de mar sem-mais-fim...

- É a história dos que sem-bússula  
dos que sem-sol-nascente  
dos que sem-uma-estrela.  
É a história dos que só-noite  
como sua pele noturna.

Conta, Mississipi,  
rio de terra má,  
Tudo que sabes dos desamparados...

- Ao balanço do barco  
sonhavam estar embalados  
no seio de Deus

e de olhar espichado  
a deslizar em minhas águas longas  
entoavam cantos compridos  
como um rio sem fim.

Contem, cais de porto, logradouros,  
a história dos vendidos...

- Escravo forte e são  
para todo trabalho de mão.
- Escrava preta-tiçã  
para acender patrão.
- Preto velho de muita ciência  
conhece lavoura e doença.
- Esta, hábil e maternal,  
para mãe-preta ou cozinhar.

Contem, lavouras ianques  
antilhanas  
brasileiras,  
a história dos rurais...

- Ninguém se lembrou de que  
poderiam manchar o algodão  
com sua presença escura.  
Que poderiam sujar o açúcar  
estragá-lo  
com sua vida amarga.  
Ou corromper o verde milharal  
com seu viver sem esperança.  
Isto porque suas mãos  
eram um ouro áureo de carvão.

( obra reunida, p. 245).